



DESAFIOS RELACIONADOS AO BULLYING CYBERBULLYING NO CONTEXTO BRASILEIRO

João Carlos Alchieri

UFRN

jcalchieri@gmail.com

RESUMO

O bullying é entendido como manifestação da violência caracterizado pelo uso intencional da força ou uso de poder, resultando frequentemente em danos físicos, emocionais ou sociais. O cyberbullying manifesta-se em ambientes digitais, por meio de ações repetitivas de intimidação, humilhação ou exposição de vítimas em redes sociais, aplicativos de mensagens e jogos online. O fenômeno do Cyberbullying assim como o Bullying em adolescentes constitui um desafio para o contexto educacional contemporâneo e com desdobramentos relevantes no âmbito da saúde mental. Buscou-se realizar uma Revisão integrativa da literatura nacional em base de dados (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), SciELO, Google Acadêmico, Web of Science, MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scopus, ERIC e PsycINFO) para delinear abordagem do tema em adolescentes. Foram identificados 6 artigos no período de 2017 a 2024 caracterizando produções eminentemente teóricas descritivas com revisões sistemáticas da literatura nacional e um estudo decorrente de uma investigação nacional com adolescentes denominado PENSE. A literatura demonstra que os efeitos do cyberbullying podem ser importantes e severos que os do bullying tradicional, dada a natureza ubíqua, contínua e potencialmente anônima desse tipo de agressão. Foram identificadas categorias temáticas, incluindo concepções sobre o fenômeno, consequências percebidas, papel das testemunhas e estratégias de enfrentamento. Os achados caracterizam que respostas centradas no problema, apoiadas na difusão em redes sociais e institucionais, favorecem a resiliência e podem minimizar danos, ao passo que estratégias focadas na evitação e no isolamento tendem a acentuar o sofrimento psicológico. Conclui-se que é importante e urgente a elaboração de políticas e de estratégias práticas preventivas, com foco no apoio social, educação parental e fortalecimento de ambientes escolares inclusivos.

Palavras-Chave: Cyberbullying; Violência digital; Saúde mental; Adolescência; Estratégias de enfrentamento

ABSTRACT

Bullying is understood as a form of violence characterized by the intentional use of force or power, often resulting in physical, emotional, or social harm. Cyberbullying manifests itself in digital environments through repetitive acts of intimidation, humiliation, or exposure of victims on social media, messaging apps, and online games. The phenomenon of cyberbullying, as well as bullying among adolescents, poses a challenge to the contemporary educational context and has significant implications for mental health. We conducted an integrative review of national literature using databases (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), SciELO, Google Scholar, Web of Science, MEDLINE, Virtual Health Library (VHL), Scopus, ERIC, and PsycINFO) to outline an approach to the topic among adolescents. Six articles were identified from 2017 to 2024, featuring predominantly descriptive theoretical productions with systematic reviews of the national literature and a study resulting from a national investigation with adolescents called PENSE. The literature demonstrates that the

effects of cyberbullying can be more significant and severe than those of traditional bullying, given the ubiquitous, continuous, and potentially anonymous nature of this type of aggression. Thematic categories were identified, including conceptions of the phenomenon, perceived consequences, the role of witnesses, and coping strategies. The findings demonstrate that problem-centered responses, supported by dissemination in social and institutional networks, foster resilience and can minimize harm, while strategies focused on avoidance and isolation tend to exacerbate psychological distress. It is concluded that the development of policies and practical preventive strategies is important and urgent, focusing on social support, parental education, and strengthening inclusive school environments.

Keywords: Cyberbullying; Digital violence; Mental health; Adolescence; Coping strategies

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais e a ampliação do uso das redes sociais por crianças e adolescentes têm favorecido a comunicação e o acesso à informação. Contudo, também impuseram desafios relevantes à saúde mental. Entre eles, destaca-se o cyberbullying, definido como uma forma de violência digital caracterizada por agressões intencionais mediadas por tecnologias de informação e comunicação, frequentemente associadas ao anonimato dos agressores e à ampla exposição das vítimas em ambientes virtuais (Sepúlveda & Sepúlveda, 2021).

Ambos, bullying e o cyberbullying constituem fenômenos cada vez mais prevalentes nos contextos escolar e social, configurando-se como importantes problemas de saúde pública e de educação. Suas repercussões incluem prejuízos psicológicos, sociais e acadêmicos, impactando não apenas as vítimas, mas também os perpetradores e as testemunhas, numa dinâmica relacional complexa. O cyberbullying, em particular, representa uma das formas mais desafiadoras de violência escolar contemporânea, intensificada pelo uso constante das redes sociais e pela digitalização das interações cotidianas. No âmbito educacional, seus efeitos transcendem o sofrimento individual, alcançando professores, famílias e instituições (Conte & Silveira, 2025). Tais manifestações de violência entre pares comprometem a saúde mental e o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, podendo gerar consequências emocionais, relacionais e acadêmicas persistentes.

A violência, definida como o uso intencional da força ou do poder, com sua forma real ou como ameaça, dirigida contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, podendo resultar em lesão, morte, sofrimento psicológico, atraso no desenvolvimento ou privação (Reis, Prata, & Parra, 2018). No cenário contemporâneo, destaca-se o cyberbullying, caracterizado como manifestação de bullying mediada por tecnologias digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens, jogos online e

dispositivos móveis. Essa prática, de natureza repetitiva, objetiva intimidar, envergonhar ou enfurecer vítimas (Sepúlveda & Sepúlveda, 2021).

A literatura evidencia que o cyberbullying apresenta efeitos deletérios sobre a saúde mental das vítimas, frequentemente mais graves que os observados no bullying tradicional. Pesquisas indicam associação significativa com transtornos como depressão, ansiedade, baixa autoestima e transtorno de estresse pós-traumático (Kota & Selkie, 2018). Além disso, há consenso crescente de que a exposição a essas experiências eleva o risco de ideação suicida e comportamentos auto lesivos.

O cyberbullying constitui preocupação emergente em saúde pública, especialmente em adolescentes em idade escolar, visto que suas práticas – geralmente expressas em ameaças, humilhações e ofensas em plataformas digitais – produzem efeitos deletérios sobre o bem-estar psicológico, o desempenho acadêmico e a integração social dos jovens (Quintana-Orts, Rey, & Neto, 2020). Essa perspectiva permite compreender o fenômeno em múltiplas dimensões, articulando a literatura científica e os contextos socioculturais que modulam sua manifestação no ambiente escolar. Dessa forma, os estudos não apenas sistematizam evidências empíricas, mas também reconhecem a importância das especificidades contextuais na análise e no enfrentamento dessas práticas. Ao identificar produções científicas que abordam o enfrentamento do bullying e do cyberbullying em adolescentes, avança-se na formulação de estratégias preventivas e interventivas que dialoguem com a realidade escolar, promovam saúde mental e fortaleçam práticas inclusivas (Widiyanto, 2019). As repercussões decorrentes da expressão midiática, podem ser classificadas em efeitos de curto e longo prazo. Entre os imediatos, destacam-se sentimentos de medo, vergonha e insegurança, frequentemente associados à evasão escolar, ao isolamento social e ao retraimento (Widiyanto, 2019). Já a exposição prolongada relaciona-se a quadros persistentes, como depressão crônica, transtornos de ansiedade e dificuldades no estabelecimento de vínculos interpessoais saudáveis (Fahy et al., 2016).

Um aspecto crítico do cyberbullying é seu caráter contínuo, ubíquo e potencialmente anônimo, que o diferencia de outras formas de violência escolar ou interpessoal. Diferentemente do bullying tradicional, delimitado por tempo e espaço, o cyberbullying extrapola tais barreiras, alcançando a vítima em múltiplos ambientes, o que intensifica o sofrimento psíquico (Quintana-Orts, Rey, & Neto, 2020; Hamm et al.,

2015). Essa característica é agravada pela facilidade de ocultação da identidade dos agressores, o que reduz a supervisão e dificulta intervenções (Deol & Lashai, 2022).

Diante disso, a literatura enfatiza a necessidade de programas preventivos e de intervenção precoce, direcionados a populações vulneráveis. Tais iniciativas devem priorizar estratégias de promoção da resiliência, apoio social, educação parental e conscientização sobre o uso seguro da internet (Brailovskaia et al., 2018). A adoção de medidas educativas e terapêuticas multissetoriais é fundamental para mitigar tanto os efeitos imediatos quanto as consequências de longo prazo do cyberbullying, reduzindo seus impactos negativos na saúde mental infantojuvenil.

2 MÉTODO

Revisão integrativa da literatura nacional no período de 2000 a 2025 nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, SciELO, Google Acadêmico, Web of Science, MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scopus, ERIC e PsycINFO, permitiu identificar, delinear e caracterizar produções acerca do tema bullying e cyberbullying em adolescentes. Igualmente, possibilitou a identificação de categorias centrais sobre as experiências, abrangendo dimensões como padrões de ocorrência, impactos psicossociais e estratégias propostas para o enfrentamento do fenômeno.

3 RESULTADOS

Foram identificados 6 artigos no período de 2017 a 2024 caracterizando produções eminentemente teóricas descritivas com revisões sistemáticas da literatura nacional e um estudo decorrente de uma investigação nacional com adolescentes denominado PENSE (Brasil, 2019), um estudo de corte transversal que utilizou com amostra representativa de 159.245 estudantes com idades entre 13 e 17 anos, matriculados em escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Os dados da PeNSE 2019 foram apresentados a partir de regressão de Poisson, considerando como variável dependente a experiência de cyberbullying ocorrida tomando os últimos 30 dias dos respondentes. O desfecho foi mensurado a partir da percepção dos adolescentes de terem sido ameaçados, ofendidos ou humilhados, em redes sociais

ou aplicativos de celular. Foi identificada uma prevalência de cyberbullying de 13,2%, maior entre meninas, adolescentes mais jovens e alunos de escolas públicas. Os autores caracterizaram como fatores associados a maior prevalência, sofrer agressões dos pais, falta de supervisão parental, não morar com os pais, sentir-se triste, acreditar que a vida não vale a pena, não ter amigos, uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas, além de faltas escolares sem autorização. Comparativamente, sexo masculino, ter 16 -17 anos e contar com supervisão dos pais associaram-se a menor prevalência. Os resultados confirmam que o cyberbullying está fortemente ligado a piores indicadores de saúde mental e comportamentos de risco.

4 DISCUSSÃO

Os achados nos estudos de revisão evidenciaram uma forte associação entre a vitimização por cyberbullying e a manifestação de sintomas de transtornos mentais, tais como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático. Segundo os autores, em diversos casos, os efeitos mostraram-se severos do que aqueles decorrentes do bullying tradicional, ou seja presencial, em virtude da onipresença das interações digitais e da dificuldade de controle do ambiente virtual. Foi observado pelos autores que os adolescentes que desempenham simultaneamente os papéis de vítimas e agressores apresentaram níveis mais elevados de sofrimento emocional (Kota, R., & Selkie, E. M. 2018). Fatores sociodemográficos, como idade e tempo de exposição à internet, também se destacaram como variáveis moduladoras da vulnerabilidade, ou seja, quanto mais jovens e maior a frequência de uso de dispositivos conectados, maior a probabilidade de envolvimento em situações de vitimização digital, e os impactos psicossociais associados incluíram isolamento social, baixa autoestima, ideação suicida e comprometimento do desempenho escolar. (Widiyanto, A. 2019).

Por meio da análise integrativa foi possível verificar a identificação de cinco categorias temáticas centrais: (1) concepções apreendidas sobre o bullying e o cyberbullying; (2) modos de explicação dos fenômenos; (3) consequências relatadas ou percebidas; (4) papel das testemunhas; e (5) esquiva e desafios no enfrentamento. Os adolescentes tendem a compreender o bullying e o cyberbullying a partir de suas

vivências pessoais, frequentemente naturalizando tais práticas ou reconhecendo-as como expressões intencionais de desequilíbrios de poder.

O cyberbullying foi caracterizado como uma extensão do bullying tradicional, agravado pelo anonimato e pela invasão da privacidade e sua extensão. As consequências relatadas abrangeram impactos, psicológicos como o medo, vergonha, ansiedade e tristeza, sociais como a exclusão e dificuldades de relacionamento, e educacionais (queda no rendimento escolar e abandono). As testemunhas foram descritas como sendo atores ambivalentes, com atuação tanto como reforçadores das agressões, quanto como defensores potenciais das vítimas. Os adolescentes também avaliaram que as escolas e famílias ainda não dispõem de recursos adequados para intervir de forma efetiva, evidenciando a necessidade de fortalecimento de ações de suporte institucional e social (Kota, R., & Selkie, E. M. 2018).

Evidenciou-se que a intensificação do cyberbullying acompanha a maior inserção de crianças e adolescentes nas redes sociais, acarretando consequências emocionais (ansiedade, depressão, ideação suicida), sociais (isolamento e exclusão) e educacionais (evasão escolar e dificuldades de aprendizagem). Nesse contexto, destacaram-se três dimensões principais: (1) violências da escola, relacionadas às fragilidades institucionais na prevenção e mediação de conflitos digitais; (2) violências na escola, correspondentes às agressões virtuais entre estudantes, que reverberam nas dinâmicas cotidianas; e (3) violências contra a escola, expressas em ataques dirigidos a professores ou à própria instituição, comprometendo sua imagem e funcionamento.

Ao todo na análise dos trabalhos foram identificadas 22 estratégias de enfrentamento, das quais 50% relacionadas exclusivamente ao cyberbullying, 25% ao bullying e 25% a ambos os fenômenos (Araújo, A. F., Oliveira, V. R., Torres, R. A. M., Tavares, N. B. F., Freitas, C. H. A., & Quixadá, L. M. 2024). A análise possibilitou a sistematização destas em quatro categorias: (1) estratégias focadas no problema, como denunciar, confrontar o agressor ou buscar apoio institucional; (2) perfil das vítimas e sua influência nas estratégias, considerando variáveis como sexo, idade e características individuais; (3) apoio social como recurso central, envolvendo pais, professores, pares e colegas enquanto redes de suporte; e (4) estratégias baseadas na emoção, como isolamento, evitação ou internalização de sentimentos.

Em síntese, os achados indicam que estratégias centradas no problema e fundamentadas no apoio social tendem a ser mais eficazes, favorecendo processos de resiliência e mitigando danos. Em contraste, estratégias predominantemente emocionais, como ignorar ou internalizar as agressões, mostraram-se associadas a maior sofrimento psicológico e à intensificação dos impactos da vitimização.

5 CONCLUSÃO

O cyberbullying constitui uma forma contemporânea de violência entre pares, com impactos significativos sobre a saúde mental, a adaptação social e o desempenho escolar dos adolescentes. Os estudos referidos reforçam a necessidade de estratégias intersetoriais de enfrentamento, integrando políticas públicas, práticas pedagógicas e fortalecimento do papel da família. Ressalta-se, ainda, como limitação das evidências disponíveis, a baixa frequência de estudos, predominantemente com desenho transversal, indicando a relevância de investigações longitudinais que permitam aprofundar a compreensão sobre os desdobramentos do fenômeno e avaliar a efetividade de estratégias de intervenção ao longo do tempo. Desta maneira, as evidências permitem compreender de forma mais aprofundada os contextos culturais e individuais que permeiam tais práticas, fornecendo subsídios relevantes para o desenvolvimento de programas educativos, práticas pedagógicas inovadoras e ações sociais inclusivas voltadas à promoção de ambientes mais seguros, equitativos e resilientes para os jovens.

O cyberbullying configura-se como um fenômeno complexo de natureza social, psicológica e educacional, cuja compreensão e enfrentamento demandam múltiplas abordagens e dimensões de análise. Entre as estratégias identificadas, destacam-se a implementação de programas de prevenção voltados para a educação digital crítica, o fortalecimento da resiliência psicológica entre adolescentes, a ampliação das redes de apoio social, o engajamento da comunidade escolar e o acompanhamento psicológico especializado.

O bullying e o cyberbullying necessitam de estratégias preventivas e interventivas integradas, que envolvam não apenas os adolescentes, mas também famílias, escolas, instituições sociais e políticas públicas. Estes aspectos devem estar articulados a ações de políticas públicas intersetoriais específicas que favoreçam a

mitigação dos impactos da violência digital e a construção de ambientes virtuais mais seguros e saudáveis. O enfrentamento eficaz do fenômeno exige uma abordagem sistêmica, sustentada no fortalecimento das políticas públicas, na atuação conjunta de escolas, famílias e comunidade, e na construção de uma cultura de paz. O diálogo pedagógico, a empatia e a cooperação devem constituir eixos centrais de intervenção, com vistas a mitigar os efeitos adversos da vitimização e favorecer um ambiente escolar inclusivo e seguro.

REFERÊNCIAS

- Araújo, A. F., Oliveira, V. R., Torres, R. A. M., Tavares, N. B. F., Freitas, C. H. A., & Quixadá, L. M. (2024). Estratégias de enfrentamento ao bullying e cyberbullying desenvolvidas por adolescentes: Revisão integrativa da literatura. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 26(2024), 1-11. <https://doi.org/10.5216/ree.v26.77067>
- Araújo, G. S., Cruz, G. N., Fontinele, M. C. T., Barbosa, M. N., Nicacio, T. P., Farias, V. S. C., ... Oliveira, A. S. (2024). Violência digital: O impacto do cyberbullying nas redes sociais e suas consequências na saúde mental. *RevistaFT*, 29(140),. <https://doi.org/10.69849/revistaft/cl10202411301207>
- Brailovskaia, J., Teismann, T., Margraf, J., & Reif, A. (2018). Cyberbullying, positive mental health and suicide ideation/behavior. *Psychiatry Research*, 267, 240–246. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.05.074>
- Brasil. Ministério da Educação; Brasil. Ministério da Saúde; IBGE. Coordenação de Indicadores Sociais. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Acessado em setembro 2025 <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101852>
- Conte, E., & Silveira, C. D. (2025). Cyberbullying: Interfaces e implicações nas escolas. *Educação*, 50(1), 1-27. <https://doi.org/10.5902/1984644489097>
- Fahy, A. E., Stansfeld, S. A., Smuk, M., Smith, N. R., Cummins, S., & Clark, C. (2016). Longitudinal associations between cyberbullying involvement and adolescent mental health. *Journal of Adolescent Health*, 59(5), 502–509. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.06.006>
- Ferreira, TRDSC, & Deslandes, SF (2018). Cyberbullying: conceitos, dinâmicas, personagens e implicações para a saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 23, 3369-3379.
- Hamm, M. P., Newton, A. S., Chisholm, A., Shulhan, J., Milne, A., Sundar, P.,... Hartling, L. (2015). Prevalence and effect of cyberbullying on children and young people: A scoping review of social media studies. *JAMA Pediatrics*, 169(8), 770–777. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2015.0944>

Kota, R., & Selkie, E. M. (2018). Adolescent depression and suicide risk in the context of cyberbullying. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics*, 27(1), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.chc.2017.08.009>

Pacífico, A. B., Bacil, E. D. A., Ardengue, M., Piola, T. S., Silva, M. P. D., Fontana, F., ... & Campos, W. D. (2024). Association between bullying victimization and health risk behavior in adolescents. *Revista Paulista de Pediatria*, 43, e2023215.